



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL. PPGAU-UFRN

RESPONSABILIDADE E ÉTICA NO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS PARA O SER HUMANO: COMPOSIÇÃO E PROGRAMAÇÃO DOS CONJUNTOS RESIDENCIAIS

REBLIN, Paola

Arquiteta, Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Pós-ARQ). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – e-mail: carfedels@aol.com

Av. Admar Gonzaga nº1747, Bloco C, apto. 304 – Condomínio Residencial Ilha do Arvoredo - Bairro Itacorubi. CEP 88034-000. Florianópolis-SC. Tel. (0XX) 48.334.7104.

RESUMO

Como Arquitetos, não podemos deixar de perceber o ambiente caótico em que vivemos nos centros urbanos sem deixar de nos perguntar, qual é nosso papel nesta situação? Qual é a nossa responsabilidade quanto à atual conformação destes centros? Como podemos contribuir para melhorar as condições de vida no ambiente urbano e especificamente, no ambiente dos conjuntos habitacionais? A busca pelas respostas deve estar baseada na Arquitetura, como sendo uma atividade cultural, que deve servir para se viver melhor. Nas décadas de 50 e 60 a cidade começou a ser desmantelada através do veloz crescimento dos centros urbanos onde as áreas públicas deixam de lado as necessidades humanas. Os conjuntos habitacionais, contribuindo a esta degradação, passam a se apropriar intensamente dos terrenos disponíveis, sem considerar o ambiente comunitário. As “áreas de lazer” nestes conjuntos apresentam-se na prática, como residuais e não cumprem sua função: o lazer. Assim, nossa atenção volta-se à responsabilidade e ética no desenvolvimento dos projetos que garantam a relação de integração espacial entre os edifícios e as áreas comunitárias de lazer, satisfazendo as necessidades individuais e coletivas dos homens. O processo decisório para definição do projeto destes conjuntos, o papel dos agentes envolvidos neste processo, a relação entre construtora, imobiliária e arquiteto, e a avaliação do empreendimento executado e o impacto urbano causado à cidade, estão em nossa abordagem, assim como, o aspecto de sistemas que incluam valores qualitativos ao processo do projeto e conseqüentemente ao produto, a partir de modelos qualitativos de gestão do processo do projeto.

Palavras-chave

Ética – qualidade – habitação .

ABSTRACT

As architects, we cannot look at the chaotic environment the urban centers in which we live in are, without asking ourselves: What role do we play in this situation? What is our responsibility regarding the present conformation of these centers? How can we contribute to improve life standards in the urban environment and, specifically, in the residential buildings? Architecture is the starting point to search for the answers, since it is a cultural activity, and as such, it should provide us with a better quality of living. In the fifties and sixties, the city

started to lose its structure and organization due to the rapid growth of the urban centers, where public spaces completely disregard people's needs. Residential buildings add to this degradation by dominating the available areas without taking communal life into consideration. Leisure areas in these buildings are in practice residual and they do not achieve their goal: leisure. Therefore, our attention is drawn to responsibility and ethics in the development of projects, which will guarantee the spatial integration relationship between buildings and leisure areas, and will satisfy the individual and collective human needs. The process that leads to the project's definition, the role of each agent that takes part in this process, the interaction among construction firm, real estate agency and architect, the evaluation of the executed task, and the impact on the city, are all in our competence. So is the use of systems that must include qualitative parameters in the project's development and therefore in the final result, based on qualitative process management models.

Keywords

Ethics – quality – dwelling

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ambiente caótico X necessidades do ser humano

Existem, segundo Italo Calvino, duas maneiras de não sofrer no inferno em que vivemos todos os dias e que formamos estando juntos. "A primeira, fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas..." Podemos deixar até de perceber o caos do ambiente construído em que vivemos no nosso País através da visão de cidadãos comuns, mas não como profissionais interessados pelos problemas da vida do homem, para a qual destinamos nossa vida profissional e procuramos resolver, por meio dos espaços que idealizamos e projetamos para o bem viver das pessoas, buscando satisfazer as necessidades básicas essenciais ao homem.

Na corrida para construir o mundo novo, conforme Jonathan Glancey, onde quer que um terreno possa ser apropriado, novos edifícios são implantados. "Na segunda metade do século XX, a aliança profana da Arquitetura moderna insensível, de vias expressas, muitas delas erguidas sobre pilastras de concreto, uma corrida para os subúrbios e a subsequente deterioração da vida cotidiana nos centros urbanos, viu cidades do mundo inteiro deixarem de ser locais onde viver e desfrutar. A cidade estava sendo dilacerada".

Com esta progressiva degradação da cidade, a habitação e a vivência de seus moradores, seguiu a mesma "corrida", que acabou construindo, dentro dos terrenos que podiam ser apropriados, conjuntos habitacionais desprovidos de qualquer consideração ao ambiente comunitário de vivência, assim como na cidade, onde passou a ser praticamente ignorado o ambiente urbano comunitário em que as pessoas vivenciam sua cidade e desfrutam de suas vidas.

É nos atuais centros urbanos onde percebemos a falta de espaços públicos destinados ao lazer em que pode ser desfrutado o ambiente urbano. Espaços essenciais à satisfação das necessidades coletivas dos homens que introduzem, num meio feito de tijolos e concreto, um pouco do verde da natureza, mesmo que este seja "artificial" – implantado e desenhado pelo homem. Especificamente falamos da falta de praças e principalmente parques que conformem as cidades e proporcionem aos seus moradores uma melhor qualidade de vida. Para Paul Chemetov, "...a cidade contemporânea deve conciliar, edifícios e habitantes, em

formas compatíveis, conciliáveis, duradouras e onde seja possível viver”, deve, além de ser “possível viver”, ser “bom viver”.

Desta mesma forma, hoje dentro dos conjuntos habitacionais residenciais inseridos nos centros urbanos tão disseminados nas cidades brasileiras, o ambiente comunitário de lazer é sinônimo de área residual. Áreas de lazer, neste caso privativas, porém comuns e coletivas ao conjunto residencial, deveriam suprir o deleite e os momentos de descanso das famílias em suas moradias, com qualidade e segurança. Porém, as áreas destinadas a esta atividade não cumprem, dentro destes conjuntos, sua verdadeira função. São áreas remanescentes à implantação dos edifícios do conjunto residencial. Ou seja, estas áreas acabam sendo “mascaradas” ou “enfeitadas”, e assim permanece a falta de espaços próprios destinados ao lazer dos moradores destas habitações.

Assim como, a cidade deve oferecer ambiência urbana através da integração de espaços públicos e privados, construídos e não construídos, destinados à habitação, ao trabalho, à circulação e ao lazer, os conjuntos residenciais habitacionais devem oferecer a ambiência comunitária através da integração dos espaços individuais e coletivos, principalmente à relação de integração espacial entre os edifícios e as áreas comunitárias destinadas ao lazer dos moradores do conjunto.

A partir desta visão fica clara a importância da questão qualitativa na satisfação visual do conjunto destas relações espaciais, tão importantes à sensação do bem-estar e do bem-viver do homem. Segundo Renzo Piano “O elemento imaterial captado pela Arquitetura – sensação de contato com a natureza, clima, estações”, (Entrevista fornecida à Revista Arkinka – Peru. Nº69 de agosto de 2001- realizada por Renzo Cassigoli).

Desta forma o conjunto de elementos edificados e não edificados, dentro da cidade, do bairro e dos conjuntos residenciais, é que deve possuir a harmonia necessária ao deleite dos olhos dos homens e assim oferecer uma melhor qualidade de vida aos seus usuários. Apropriando-nos das palavras do historiador Kevin Lynch: “a paisagem urbana é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer”. Analogicamente ocorre com a “paisagem comunitária” do conjunto habitacional, que muito mais do que “lembrada”, deve oferecer melhores condições ao desenvolvimento da vida individual das pessoas que se beneficiam do “prazer” de viver num conjunto que reúne questões qualitativas baseadas no ser humano.

O “progresso” na cidade e seus conjuntos habitacionais

Foi com a chegada da Revolução Industrial que as cidades, segundo J. Glancey começaram a ser decompostas, retrabalhadas e muitas vezes maltratadas. A demanda da Indústria para a fácil distribuição e circulação de materiais de construção vindos de vários locais vizinhos e até de outros países, gerou o surgimento de amplas estradas, ferrovias que atravessaram as cidades, desintegrando comunidades. A partir das exigências da indústria, atendidas em detrimento das condições de vida humana, pode ocorrer segundo Glancey um “inchaço urbano”. Estes ambientes geram problemas de sociabilidade à comunidade, favorecendo a violência e a degradação ambiental, a poluição não só do ar, sonora, mas também a espacial e perceptiva.

Já não mais vivemos a era da máquina, que não ofereceu o resultado esperado pelo homem, mas na era da eletrônica, que aparentemente já nos domina e fracassa como seres humanos, mais uma vez. Nossa era poderia ser a da humanidade, já que nossas necessidades humanas individuais e coletivas estão tão abafadas por nossa atual forma de viver nos espaços que nos mesmos projetamos e edificamos. A questão não é negar o progresso tecnológico da era em

que vivemos, mas sim saber utiliza-lo ao nosso favor, sem deixar que este desmoralize nossas ações e comprometimento humano com os espaços que habitamos em nossas cidades.

Consideramos assim, que as relações da humanidade, atualmente, são influenciadas pelos seguintes fatores:

- predominância do avanço tecnológico sobre as questões relativas às necessidades básicas do ser humano;
- aumento das diferenças sociais em função do neoliberalismo;
- fragmentação de identidades pela globalização.

É através da arquitetura, dos espaços em que vivemos, que devemos, como profissionais comprometidos, oferecer o oposto às atuais relações humanas e influenciá-las através do humanismo das construções, das semelhanças nas necessidades básicas de qualquer classe ou camada social e proporcionar a identidade das pessoas no local em que habitam, sem, no entanto, deixar de apoiar e procurar as inovações tecnológicas, a liberdade e individualidade das pessoas e o conhecimento e projeção destas com relação ao mundo.

A transformação da cidade

Diferentemente que a cidade moderna, a cidade medieval tinha em sua forma de agregação e construção, flexibilidade para sua contínua e ilimitada adaptação ao crescimento. As ruas destas cidades, formando uma trama, estruturavam a cidade, permitindo a separação simbólica do espaço público e privado. Já a arquitetura das cidades modernas, na segunda metade do século XX, separou a cidade fisicamente em diferentes zonas e com diferentes funções: circulação, habitação e locais de trabalho. Hoje, não podemos mais transformar a cidade ao nosso desejo. O espaço tornou-se de certa forma inalterável e disforme. Segundo Christian Portzamparc “... é importante criar passo a passo. Criar tanto quanto transformar. Trata-se de recosturar o tecido urbano, de casar a estrutura da cidade tradicional, que deu provas de sua validade, e as qualidades próprias à arquitetura moderna (jogos de luz, qualidade do habitat, etc.). é preciso também re-introduzir uma parcela de sonho”.

A nossa arquitetura

A partir da inauguração de Brasília nossa arquitetura entrou em um processo de decadência a nível Internacional e Nacional. Antes, uma produção cultural tão marcante, até os nossos dias, e agora mera “repetição” sem “produção”. Com o veloz crescimento das cidades nos anos 50 e 60, acontece uma multiplicação de réplicas. Segundo Fernando Loch, “A proliferação de bairros imitação de outros cenários descaracteriza o nosso repertório e distorce a história. Primeiro se imita o que há lá fora e depois, o que é duplamente ruim, imita-se até mesmo a imitação”.

A boa Arquitetura não depende apenas de um bom arquiteto: um bom cliente é quase tão importante (Edson da Cunha Mahfuz, 2003). Nossa situação assemelha-se a um “círculo viciado”, já que nossos “clientes”, em sua maioria querem as imitações, principalmente por falta de conhecimento. Se não transmitirmos o conhecimento da existência de algo, jamais será conhecido. “Se não oferecemos algo de bom à sociedade ela não reconhece em nós o valor da transformação e a qualidade de nosso conhecimento. Se nos contentamos em produzir uma reprodução não estaremos sendo fiéis aos ideais internos de contribuir com o todo e com a nossa classe” (Fernando Loch, 2003). E nossa boa arquitetura, que necessita ser reconhecida, onde está? E nossos Arquitetos?

Uma mudança de atitude, por parte de nossos arquitetos, em relação à própria arquitetura, faz com que esta profissão seja banalizada, sem lhe conferir a seriedade necessária ao desenvolvimento responsável e ético da profissão. Segundo Mahfuz, até o final do regime militar, a arquitetura era vista com um papel social definido, e quem fazia parte deste grupo desejava contribuir para a elevação da qualidade de vida das pessoas. Hoje, esta mudança de atitude, recente, caracteriza-se, segundo o autor, pelo entendimento dos objetos arquitetônicos como objetos de consumo, por uma visão da profissão como prestação de serviços, pela vinculação da arquitetura às atividades voltadas para o espetáculo e pela sua utilização como veículo de auto-expressão do arquiteto. E, ainda, por trás destas atitudes está a veneração contemporânea ao mercado, do qual dependem todos os aspectos de nossa vida.

O mercado faz com que o ser arquiteto, determine sua atuação como a de um “prestador de serviços” que, concordando com a colocação de Mahfuz, significa uma rendição quase total aos desejos do cliente e às imposições do mercado e a conseqüente perda da dimensão cultural da arquitetura.

O aglomerado de volumes

“Há muita construção e pouquíssima arquitetura”, lamentavelmente esta expressão não cai em desuso. As edificações, ou aglomerado de formas e volumes, continuam proliferando sem qualquer parâmetro que as relacione ao bem-viver de uma cidade por seus habitantes. Parecem isoladas em seus lotes e longe de serem a conformação dos espaços projetados pelo próprio homem, utilizados para sua moradia. Além de serem desvinculados de qualquer preocupação relativa ao impacto que causam à cidade, e principalmente às pessoas que nela habitam.

Este aglomerado de volumes, ou conjuntos habitacionais, devem ser reintegrados ao bairro em que estão implantados, através da análise e reestruturação de sua escala, disposição de seus edifícios e o sistema viário. Assim, apesar de enfocarmos a habitação não podemos nos esquecer que esta está inserida em um meio de serviços públicos, infraestrutura, sistema viário, comércio, “espaços verdes”....

RESPONSABILIDADE E ÉTICA NO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS PARA CONJUNTOS HABITACIONAIS RESIDENCIAIS

Segundo o arquiteto Fernando Serapião, a construção de unidades residenciais agrupadas transforma as cidades para o bem ou para o mal. Para “o bem” segundo os conceitos aplicados nas habitações contemporâneas européias que interagem com a paisagem urbana, valorizando-a sem destruir o caráter individual do projeto. E para “o mal” em nosso País, onde quase nada é feito para solucionar o problema habitacional. Construimos, segundo Serapião, “edifícios com uma relação equivocada com a cidade: os projetos limitam-se ao próprio lote, como se fossem independentes, sem generosidade espacial”. Ainda conforme Serapião, “O livre mercado, que edifica o espaço privado, cria unidades residenciais repetidas, sem personalidade, onde o luxo de acabamentos é valorizado em detrimento da espacialidade”.

Nas décadas de 50 e 60 inicia a corrida multiplicadora de edifícios, “réplicas”, segundo Fernando Serapião, “carimbando” e “projetando em série” as cidades brasileiras sem qualquer preocupação e comprometimento com a inserção destes dentro da paisagem urbana. Por contrapartida na Europa, no final da década de 60 e início dos anos 70, os conceitos racionalistas, dos modelos de conjuntos residenciais em vigor desde os anos 50, começam a

ser questionados. Assim, alguns arquitetos voltam sua atenção novamente à cidade tradicional, idealizando construções integradas à paisagem urbana. Surgem então os edifícios responsáveis pelo renascimento das cidades européias, os “edifícios invisíveis”, integrados ao ambiente urbano, considerando valores qualitativos essenciais aos homens.

Nas últimas décadas do século XX, e ainda no início deste novo século, continua-se a idealizar projetos que não assumem a cidade e o ambiente urbano, desintegrando-se desta e promovendo uma “maquiagem” dos edifícios para uma suposta adequação ao espaço.

Necessidades dos seres humanos

A necessidade do ser humano por usufruir áreas verdes de lazer integradas à arquitetura dos edifícios em que mora é essencial ao bem viver de seus usuários e evidente a partir do momento em que observamos seu comportamento diante da falta destes espaços.

Observando a conduta dos moradores de um bairro na cidade de Florianópolis, percebemos que tanto os moradores dos conjuntos habitacionais multifamiliares como os moradores das residências unifamiliares, isoladas num lote urbano, procuram e necessitam o mesmo: um espaço comunitário de lazer que lhes transmita a sensação da natureza dentro do bairro. Na falta desta área, tanto nos conjuntos de edifícios residenciais multifamiliares como no conjunto de residências unifamiliares, estes moradores procuram o que mais se assemelha a um parque dentro do bairro, a área verde criada e implantada em cima de um mangue, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

O estudo da inserção de áreas verdes de lazer dentro da cidade seria motivo até da elaboração de outro trabalho, a alusão é meramente para expor a necessidade destes espaços ao homem. Nosso maior interesse encontra-se nos espaços que acabam sendo conformados pelos conjuntos residenciais multifamiliares, e equivocadamente denominados “áreas de lazer”, assim como os aspectos formais, funcionais, espaciais e qualitativos das construções idealizadas para este tipo de moradia. Assim como, a avaliação do impacto urbano causado ao bairro e a cidade por estes empreendimentos.

Para Calatrava, devemos “chamar a atenção das obras e conseqüências que tem sobre as cidades e a possibilidade de melhora-las através da arquitetura” (A arquitetura e a ética no Congresso Pan-Americano. Entrevista por Renato Galicia Miguel a Santiago Calatrava)

Assim de que forma poderíamos melhorar esta situação? Qual o papel do arquiteto, do construtor do promotor imobiliário para contribuir à arquitetura de modo a melhorar a cidade?

Como promover esta visão de arquitetura aos investidores da construção civil, detentores do poder econômico que dinamizam este setor e que formam o conjunto dos agentes detentores do poder decisório dos aspectos formais, ambientais, espaciais, funcionais, tecnológico e qualitativos destes conjuntos? Construtores, investidores, agentes imobiliários, escritório de arquitetura, etc.

Sistemas que incluem valores qualitativos ao processo do projeto e conseqüentemente ao produto, a partir de modelos qualitativos de gestão do processo do projeto. Exemplos a partir de conjuntos analisados na cidade de Florianópolis.

Atualmente é fundamental a utilização ou conhecimento, por parte das Empresas integradas ao setor da construção civil, de processos de Gestão para produção de projetos que ampliem a integração entre os diversos agentes participantes no procedimento do projeto e agilizem o

processo de inovação tecnológica para diminuir o tempo de lançamento dos novos empreendimentos, como o modelo de Engenharia simultânea ou paralela, buscando, desta forma, contribuir para o aperfeiçoamento das atividades de projeto e para a qualidade final da edificação como estratégia de competitividade da empresa. Aliado a isto estas empresas e seus agentes devem considerar a avaliação da satisfação do usuário, consumidor final da habitação, como forma de retroalimentar o processo para a elaboração do próximo empreendimento e verificar a inclusão de parâmetros qualitativos de projeto vinculados à satisfação dos usuários. Assim como ter sempre presente a avaliação da relação do empreendimento executado, o conjunto de área construída e não construída, com o impacto urbano causado na rua, bairro e cidade.

É comum, dentro da análise realizada aos conjuntos habitacionais avaliados na cidade de Florianópolis, que a definição do tipo de empreendimento a ser realizada seja feita com base na experiência adquirida ao longo do tempo do agente detentor do capital de investimento, e principalmente levando em consideração as construções que circundam o terreno e o padrão dos usuários daquele local.

Também dentro destas empresas, a aplicação de sistemas informatizados para processamento, arquivamento e comunicação de dados não é realizada, em função da falta de conhecimento destes sistemas, e igual ausência da preocupação com questões relativas a sistemas que visam incluir valores qualitativos não só ao processo do projeto, mas também, como consequência, ao produto do projeto.

A avaliação da satisfação dos usuários com relação aos produtos oferecidos no mercado pelas empresas é fundamental para que este tipo de sistema ou programa seja implantado. Esta avaliação tem que ser verdadeira, ou seja, a chamada Avaliação Pós Ocupação (APO) deve oferecer parâmetros de comparação qualitativos e assim lhe conferir a importância que uma avaliação destas detém.

As empresas analisadas, “substituem o planejamento e o controle pelo ‘caos’ e pela improvisação do processo” (Koskela, 1997). A maioria destas empresas, da cidade de Florianópolis, não conhece qualquer modelo de gestão do processo de projeto, como por exemplo, o da Engenharia simultânea, utilizado como estratégia de competitividade para as empresas. Este modelo, chamado engenharia simultânea ou paralela em função das diferentes atividades de projeto acontecerem em paralelo ou simultaneamente, procura ampliar a integração entre os diversos projetistas e agentes envolvidos, agilizando o processo de inovação tecnológica e diminuindo o tempo de lançamento dos empreendimentos. Hoje, as empresas que trabalham de forma ‘tradicional’ seguem um desdobramento seqüencial das atividades de projeto. Assim o desdobramento dos projetos acontece seqüencialmente, de acordo com a etapa de concepção do produto, e “... de forma fragmentada entre programa – projeto – produção, com diferentes equipes repossáveis por cada uma destas três áreas” (Márcio M. Fabrício e Silvio B. Melhado, 2001), comumente promovendo o re-trabalho e conseqüente perda de tempo, causando maiores despesas e aumentando os custos do projeto (repassados ao cliente, usuário do empreendimento). Segundo Melhado (1997), “Esta orientação cartesiana e seqüencial do processo projeto tem evidentes limitações na promoção da integração entre os agentes e na geração de soluções técnicas coordenadas no desenvolvimento dos empreendimentos”. Com certeza, o conhecimento de modelos de gestão do processo de projeto, contribuiriam muito para melhorar os resultados das empresas construtoras da cidade e principalmente para os usuários de seus produtos.

O desenvolvimento dos projetos arquitetônico e complementares para os empreendimentos é realizado do modo tradicional, como é comumente realizado na cidade de Florianópolis, ou seja, de forma linear e seqüencial. Os projetos são hierarquizados, o arquitetônico aparece

como o maior responsável, e é o ponto de partida para os demais projetos. O projeto arquitetônico é considerado responsável pelas indicações que devem ser adotadas pelos projetos complementares. A cada alteração realizada, principalmente no projeto arquitetônico, o projeto do empreendimento retorna aos diferentes projetistas, responsáveis pelo seu desenvolvimento, para efetuar as devidas modificações, que depois de finalizadas voltam ao ponto anterior, seguindo assim desta forma até “esgotarem-se” as modificações, erros ou incompatibilidades. Desta forma, cada profissional “soluciona seu problema” isoladamente, sem ter uma troca direta de informações com todos os agentes envolvidos no processo, o que se acontecesse desde o início, diminuiria as incompatibilidades, e conseqüentemente o custo dos projetos, e além disto, agindo simultaneamente os profissionais tendem a desenvolver trabalhos de melhor qualidade em um prazo menor.

Visivelmente, a partir dos exemplos analisados, nem a empresa construtora nem a imobiliária e nem o escritório de arquitetura realizam uma avaliação da relação do empreendimento executado, com o impacto urbano causado à cidade. Nem antes nem depois de concretizado o conjunto residencial. Esta avaliação deveria ser efetuada no momento em que o projeto arquitetônico for definido para assim evitar a execução de empreendimentos que não consideram os problemas urbanos que podem causar do ponto de vista ambiental, espacial, funcional e estético. Se realizada após a consolidação do empreendimento, ainda é válida, na medida em que os resultados desta avaliação forem aplicados aos próximos empreendimentos.

É necessário destacar que dentro deste sistema de integração e apoio ao projeto, é sumamente importante que a verificação qualitativa seja realizada em todo o processo. Uma verificação qualitativa desde o início até o fim do sistema e que ainda exista um mecanismo de verificação desta qualidade após a finalização do “produto” para possibilitar uma retroalimentação do próprio sistema e conseguir o maior índice de satisfação dos usuários e cada vez mais inserir na cidade obras que considerem o meio-ambiente, a cidade em que estão inseridos, os parâmetros culturais dos usuários, as tecnologias locais etc. E principalmente que incentive os agentes investidores pelas vantagens econômicas trazidas pelo sistema.

Análise de conjuntos habitacionais e a participação dos diferentes agentes participantes do processo produtivo destes.

A análise de conjuntos habitacionais atuais, destinados a um padrão de consumo médio, realizada na cidade de Florianópolis, no corrente ano, assim como também a apreciação da participação dos diferentes agentes envolvidos no processo de projeto e construção deste tipo de empreendimento, nos levou a tirar as seguintes conclusões.

- O perfil característico da grande maioria das empresas, dedicadas ao setor da construção civil, inseridas na cidade de Florianópolis é semelhante com relação à programação e elaboração dos projetos para a construção de um empreendimento, estes se dão de forma “praticamente intuitiva” ou “como sempre foi feito”;
- Dentro destas empresas não são considerados ou avaliados novos métodos, sistemas ou processos que propiciem uma melhor qualidade ao desenvolvimento dos projetos e da construção. Métodos que se traduzam em uma maior competitividade para a empresa dentro do mercado;
- As características dos conjuntos residenciais são definidas através da repetição da forma de apropriação do espaço já existente. Repetem-se as características dos conjuntos residenciais vizinhos. Faz-se o que “sempre se faz”, com a intenção de “garantir” o

sucesso do empreendimento, que acaba sendo aceite pelos usuários pela falta de opção ou até por desconhecer que estes conjuntos poderiam oferecer e apresentar outras características e qualidades arquitetônicas, espaciais, ambientais e funcionais sem, no entanto, aumentar o custo de execução dos conjuntos. A falta de uma real avaliação da demanda e até a falta de observação das necessidades essenciais humanas na elaboração das propostas para os conjuntos habitacionais residenciais acaba negando aos futuros moradores uma melhor qualidade de vida. A concentração de áreas de lazer e áreas verdes “vivenciáveis” e “agrupadas”, uma melhor proporcionalidade entre o espaço construído e o espaço não construído com o objetivo de propiciar uma escala humana adequada ao bem estar dos moradores e uma maior segurança a partir destas novas características, poderiam ser consideradas e desenvolvidas nas propostas para este tipo de empreendimento, reunindo novos parâmetros qualitativos que efetivamente considerem os usuários como moradores e seres humanos de um espaço que deve lhes proporcionar acima de tudo qualidade de vida;

- As características “espelhadas” dos conjuntos vizinhos resumem-se à implantação de forma regular de blocos residenciais iguais dentro do terreno com espaço para vagas de garagem e áreas de lazer “residuais” sem integração aos edifícios de apartamentos. Os blocos de apartamentos poderiam estar implantados em qualquer terreno, maior ou menor, inserindo mais ou menos blocos, ou seja, estes independem formalmente do terreno em que são implantados. Parece que os blocos não se apropriam do terreno, e que poderiam estar em qualquer terreno com características similares. A sugestão é, por que não idealizar algo adequado ao terreno, exclusivo, e que comporte o mesmo número de apartamentos e a mesma área construída, porém pensada junto com o terreno e as necessidades humanas dos futuros moradores com a intenção de criar áreas de lazer integradas à forma da arquitetura e as áreas de lazer;
- Hoje, é considerada a oferta do mercado para a idealização e realização do investimento e não a demanda, que poderia garantir um diferencial maior para a empresa e conseqüentemente maior e mais rápido sucesso no retorno do investimento;
- Ainda deve ser vislumbrado o retorno que a aplicação de novos métodos, processos e sistemas de qualidade de gerenciamento e gestão de projeto, poderia garantir à empresa e ao desenvolvimento de seus produtos através de sistemas que visam incluir valores qualitativos não só ao processo do projeto, mas também, como conseqüência, ao produto do projeto. A partir destes surgiria uma nova forma de análise crítica dos resultados alcançados realizada de forma integrada entre todos os agentes participantes do processo de criação do conjunto habitacional, em função de satisfazer as reais necessidades dos usuários do produto, que serão os que efetivamente garantirão o sucesso do empreendimento.

FINALIZANDO

Devemos ressaltar o importante papel do Arquiteto para com a sociedade e sua cidade, que hoje, em muitos casos, é dos investidores e especuladores da terra urbana, através do Arquiteto. O papel deve ser cumprido pelo Arquiteto com responsabilidade, para que o conjunto de “objetos urbanos habitáveis”, a “infra-estrutura urbana” e “os espaços resultantes entre as edificações” sejam o conjunto de uma cidade que garanta qualidade de vida a todos os seus moradores através de uma Arquitetura voltada para eles e que responda a sua forma de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUZELLE, R. **Técnica del urbanismo: El planeamiento de las aglomeraciones urbanas.** Buenos Aires: Eudeba editorial universitaria, 1959.
- BINS ELY, V.H.; DISCHINGER, M. **Desenho universal: conhecimento necessário para o projeto de ambientes acessíveis.** Florianópolis: Boletim IAB nº11, 09/2001.
- CASSIGOLI, R. **Entrevista a Renzo Piano: La responsabilidad del arquitecto.** Lima: Revista Arkinka nº69, 06/2001.
- CASTELLS, E.; HEINECK, L.F.M. **A aplicação dos conceitos de qualidade de projeto no processo de concepção arquitetônica – uma revisão crítica.** São Paulo, 2001.
- DA CUNHA MAHFUZ, E. **A arquitetura consumida na fogueira das vaidades (editorial).** São Paulo.
- DA SILVA SOLANO, R. **O custo das decisões Arquitetônicas: análise de projeto e alternativas de intervenção.** Porto Alegre, 2002.
- ESTEFANI, C.; SPOSTO, R.M. **Indicadores da qualidade em projetos. Estudo de caso em edifícios habitacionais em Brasília, DF.** Brasília: Campus Universitário Darcy Ribeiro Asa Norte, 2002.
- FORMOSO, C.T.; GOMES MIRON, L.I. **Gerenciamento dos requisitos do cliente em empreendimentos habitacionais.** Porto Alegre, 2002.
- FABRICIO, M.; MELHADO, S.B. **Desafios para a integração do processo de projeto na construção de edifícios.** São Paulo, 2001.
- GLANCEY, J. **A História da arquitetura.** São Paulo: Loyola, 2001.
- GALICIA MIGUEL, R. **Entrevista a Santiago Calatrava: A arquitetura e a ética no congresso pan-americano.**
- IBELINGS, H. **Supermodernismo.** Barcelona: Gustavo Gili, 1998.
- JOBIM, M.S. **Programas de gestão da qualidade em escritórios de projeto: situação no estado do Rio Grande do Sul.** São Paulo, 2001.
- LINCH, K. **A imagem da cidade.**
- LOCH, F. **Aquitortura (um apelo aos novos bahianos).** Florianópolis: Boletim IAB-SC nº25, 02/2003.
- LUCINI, H.C. **Habitação de alta densidade e baixa altura. Textos selecionados da tese de doutorado: Requalificação urbana e novos assentamentos de interesse social.** São Paulo: FAU-USP, 1996.
- MELHADO, S.B. **Qualificação das empresas de projeto e arquitetura.** São Paulo, 2001.
- MELHADO, S.B. **Coordenação e multidisciplinaridade do processo de projeto: Discussão da postura do arquiteto.** São Paulo, 2002.
- MELHADO, S.B.; DE MORAES MESQUITA, M.J. **Processos de projeto e escopo do empreendimento.** São Paulo, 2002.
- NAVEIRO, R.M.; FAVA DE OLIVEIRA, V. **O projeto de engenharia, arquitetura e desenho industrial: conceitos, reflexões, aplicações e formação profissional.** Juiz de Fora: UFJF, 2001.
- NOVAES, C.C. **Ações para controle e garantia da qualidade de projetos na construção de edifícios.** São Paulo, 2001.
- RAYNAL, F. **Entrevista a Paul Chemetov: Por uma arquitetura responsável.** França: Architecture Française nº42, 01/2001.
- ROMANO, F.V.; BACK, N.; DE OLIVEIRA, R. **A importância da modelagem do processo de projeto para o desenvolvimento integrado de edificações.** São Paulo, 2001.
- SARLI, A.C. **La racionalización del proceso de producción y circulación de la vivienda.** Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1981.
- SERAPIÃO, F. **O edifício invisível e a cidade inexistente.** São Paulo: Projetodesign, 2003.
- THÉVENON, E. **Entrevista a Christian de Portzamparc: A arquitetura deve servir para se viver melhor.** França: Architecture Française nº42, 01/2001.